

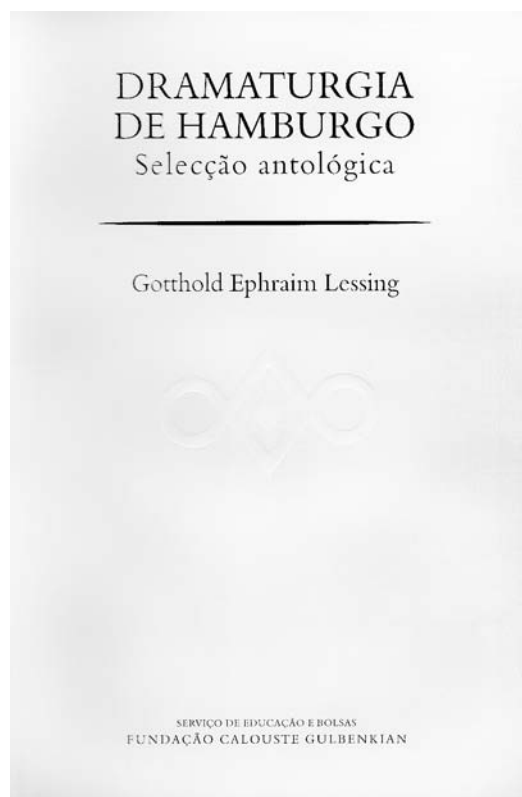
Lessing e as vespas

Anabela Mendes

Anabela Mendes

é docente da Universidade de Lisboa.

<



Gotthold Ephraim Lessing, *Dramaturgia de Hamburgo: Selecção antológica* [1767,1769], tradução, introdução e notas de Manuela Nunes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005, 207 pp.

em gesso, o que, aliás, não o impediu de tomar essa obra de arte grega como ponto de partida nuclear para a sua dissertação estética *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*, escrita em 1766.

Se o peso da incumbência italiana priva Lessing de gerir o seu tempo com liberdade e o afasta de objectivos mais propícios aos seus interesses pessoais (carta à noiva Eva König, de 8 de Maio de 1775), essa tarefa acaba por activar no dramaturgo, ensaísta e médico Lessing qualidades que ele treina desde os tempos de estudante em Leipzig e que dão ênfase à sua formação científica e experimental.

Roma apresenta-se como o lugar adequado para pôr à prova o pensamento indutivo. Ai irá funcionar o laboratório das aferições: comparar exemplares *de facto* com as respectivas descrições, há muito lidas e anotadas, de obras de arte antiga e renascentista e respectivas representações; este percurso apresenta-se como uma transposição metodológica lessinguiana praticada em larga escala na sua *Dramaturgia de Hamburgo*. Em Roma exercita Lessing os seus conhecimentos teórico-estéticos na presença das obras de arte que aprecia não para ensinar mas para aprender.

O que de mais interessante existe, do meu ponto de vista, na obra *Dramaturgia de Hamburgo*, que Lessing foi escrevendo entre 1767 e 1769, diz respeito ao modo como o seu pensamento se estrutura enquanto linguagem, deixando que os seus leitores partilhem com ele os avanços e recuos de processos mais do que resultados no campo da elaboração de textos dramáticos, na escolha de reportórios, na construção de espectáculos, na análise da reacção e formação de públicos. O sentido histórico desta obra dilui-se perante o enorme manancial de propostas com que somos confrontados.

Na verdade este conjunto de 104 secções, ao longo de cerca de 650 páginas que constituem esta obra tem hoje um interesse relativo para o leitor contemporâneo, mas é nela que aprendemos a perceber como Lessing se confronta com a tradição greco-latina, em particular com Aristóteles, pondo em causa de forma científica, por exemplo, o uso de termos próprios da teoria da Tragédia como terror – temor, piedade – compaixão, insurgindo-se contra más traduções de seus contemporâneos e contra o uso e abuso ortodoxo de terminologia poética esvaziada de sentido.

Em Maio de 1775, Lessing abandona temporariamente as funções de bibliotecário em Wolfenbüttel, que aceitara desempenhar desde finais de 1769 e ao serviço do duque Karl von Braunschweig, para acompanhar como "cicerone", numa viagem literária e espiritual pela Itália, o filho do seu senhor, o príncipe Julius Maximilian Leopold von Braunschweig-Lüneburg, também sobrinho de Frederico II da Prússia.

Esta sua viagem, não explicitamente desejada, transformou-se em termos gerais num processo de representação e exercício diplomático a que o autor procurou corresponder com toda a correcção e interesse, consciente de que a missão de cicerone de que fora incumbido estaria sempre limitada pelo desconhecimento objectivo da realidade territorial e do povo visitado, pudessem embora ser úteis todas as suas leituras, observações de modelos e reflexões sobre a natureza estética e cultural de obras artísticas, baseadas na sua experiência como erudito e homem de teatro. Pense-se, por exemplo, no *Laocoonte*, de Hagesandro, Atenodoro e Polidoro, exposto no Museu do Vaticano, e que Lessing só viria a contemplar no original durante esta viagem, mas que conhecia e muito apreciava, através de cópias

>

Francesco Queirolo,
O desengano,
 Capela de São Severo,
 Nápoles, cc.1752.

Essa qualidade, que o dramaturgo desenvolve, de registar as características de cada representação, de estabelecer comparações entre representações, de alargar o horizonte das mesmas com materiais e ideias que desde a juventude transportava na sua memória de autor, fazedor e amante de teatro, em directo contacto com o espaço cénico e com os seus agentes, distingue Lessing da maior parte dos seus contemporâneos.

Consciente de que a sua visão progressista e empenhada, face ao teatro alemão como instituição, não colhera em Hamburgo qualquer aplauso da parte de financiadores da rica burguesia hanseática, Lessing retira-se para o espaço de uma biblioteca estadual até ao fim dos seus dias. Aí escreve, em viuvez sofrida e profunda solidão, a sua obra mais complexa e de extrema actualidade *Nathan, o sábio*.

Desde 2005 que podemos ler em português muito correcto uma selecção antológica da *Dramaturgia de Hamburgo* de Gotthold Ephraim Lessing, da autoria de Manuela Nunes, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A tradutora escreve com critério uma introdução que enquadra bem, do ponto de vista teatrológico, o autor e a sua obra na época, criando-se aqui e acolá algumas comparações com o teatro português dos séculos XVIII e XIX. Esta tradução tem o mérito de vir anotada, o que facilita ao leitor menos inserido no contexto um percurso informativo mais seguro.

Opções pontuais como, por exemplo, a da palavra "fascículo" para *Stücke*, não me parece estar bem defendida. A minha sugestão seria "secção", que melhor se aproxima da formulação científica que Lessing utilizava também em outras obras de natureza ensaística. Recordo, a propósito, a tradução de João Barrento, de textos da *Dramaturgia de Hamburgo* em obra publicada em 1989 (João Barrento, *Literatura alemã textos e contextos (1700-1900) – O século XVIII*, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença, pp. 109-114).



>

Lessing com 6 anos
 (à direita) como
 o irmão Teófilo,
 óleo de Gottlieb Habekorn,
 Berlim, Arquivo para a
 Arte e a História, s.d.



Este gesto intelectual de trazer a público uma obra teórico-prática de Lessing em língua portuguesa merece o nosso regozijo. Quem sabe se um dia não haverá vontade institucional de traduzir *Dramaturgia de Hamburgo* na sua totalidade? E por que não obras dramáticas de Lessing? Quando alguns clássicos voltarem a espreitar em época propícia por entre as portas de uma cultura europeia aberta e esclarecida, talvez se extinga o zunir das vespas, que o humor de Aristófanes tão bem tratou e que Lessing tanto apreciava.